



**Universidade de Brasília**

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

## **A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA COMO MEDIADORA FRENTE À INDISCIPLINA EM SALA DE AULA**

**Ivanice Tavares de Souza**

Brasília (DF), maio de 2013.

**Ivanice Tavares de Souza**

**A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA COMO MEDIADORA FRENTE À  
INDISCIPLINA EM SALA DE AULA**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação do Professor-orientador Mestre Antônio Fávero Sobrinho e da Professora monitora-orientadora Mestre Sandra Regina Santana Costa.

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**Ivanice Tavares de Souza**

### **A COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA COMO MEDIADORA FRENTE À INDISCIPLINA EM SALA DE AULA**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. MsC. Sandra Regina Santana Costa  
Secretaria de Estado de Educação do DF e Instituto de  
Psicologia da Universidade de Brasília  
(Tutora-Orientadora)

---

Prof<sup>o</sup> MsC. Antônio  
Fávero Sobrinho  
Universidade de Brasília  
(Professor-orientador)

---

Profa Dra. Norma Lucia Neris Queiroz  
Secretaria de Eestado de Educação do DF e Universidade de Brasília  
(Examinadora externa)

Brasília, 18 de maio de 2013.

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, exemplo de perseverança e maturidade, que com o passar dos anos não se endureceram, mas adquiriram a virtude da mudança à medida que o tempo passa.

### **AGRADECIMENTOS**

Sobretudo a Deus, por me guiar e me dar força em todos os momentos deste trabalho.

Ao professor Antônio Fávero Sobrinho e à professora Sandra Regina Santana Costa pelo apoio, atenção e dedicação durante o processo de orientação.

Aos meus alunos e colegas de trabalho pela colaboração e participação nas pesquisas de campo.

## **EPÍGRAFE**

“Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

Paulo Freire

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo principal analisar os fatores que contribuem para a indisciplina em sala de aula nas turmas do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Samambaia. Procura entender o papel que o coordenador pedagógico desempenha como mediador, frente aos conflitos ocorridos em sala de aula entre professores e alunos. É sabido que, na escola atual o Coordenador Pedagógico é levado a assumir várias funções, muitas vezes relegando como segundo plano aquela atividade que poderíamos considerar como essencial. O desafio é buscar entender como o Coordenador Pedagógico pode, além de fazer todas as outras atividades que lhe são atribuídas, mediar os problemas de indisciplina em sala de aula, fazendo um elo entre o professor e o aluno. Busca-se com a presente pesquisa responder perguntas recorrentes entre os profissionais da educação sobre o assunto Indisciplina. É necessário entender as mudanças ocorridas com os alunos ao longo da história para então fazer propostas de atuações exitosas com o propósito de mudar esse quadro. Mostra-se que a indisciplina seria como um “pano de fundo” de diversas situações, as quais podem estar vinculadas a práticas pedagógicas inapropriadas, dificuldades de aprendizagem, falta de limites, falta de diálogo com o aluno ou ocorrência de problemas familiares, por exemplo. Verificou-se também a necessidade de dedicar maior atenção ao aluno, ao que ele solicita a ao que comunica com o seu “pedido de socorro” através da indisciplina.

Palavras-chave: Educação; coordenador pedagógico; indisciplina.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>12</b>
1.1 – DIFERENTES OLHARES SOBRE O COORDENADOR PEDAGÓGICO	12
1.2 – RAÍZES DA INDISCIPLINA	13
1.3 – DISCIPLINAR POR COAÇÃO OU POR CONVICÇÃO	15
1.4 – E AGORA? COMO VAMOS SAIR DESSA?	20
<b>CAPÍTULO II – METODOLOGIA DE PESQUISA</b>	<b>23</b>
2.1 - CENÁRIO DA PESQUISA	23
2.2 - PARTICIPANTES DO ESTUDO	25
2.3 - PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	25
2.4 - INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	26
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>27</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>45</b>
<b>ANEXO 1</b>	<b>48</b>
<b>APÊNDICE 1</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE 2</b>	<b>50</b>
<b>APÊNDICE 3</b>	<b>53</b>



## INTRODUÇÃO

A educação brasileira, ao longo dos anos tem sofrido as consequências de um conjunto de transformações culturais que mudou o modo de pensar e de agir do nosso aluno. Concordando com as ideias de Tardiff (2002), podemos dizer que nesse cenário histórico, os professores, por serem “sujeitos existenciais, pessoas com suas emoções, suas linguagens e seus relacionamentos”, quando entram em sala de aula para dar a “mesma” lição diante dos “mesmos” alunos, vivenciam no dia a dia da escola, todas essas mudanças e diferenças históricas (TARDIFF, 2002). Diante dessa problemática, o corpo docente das escolas, sobretudo da escola pública, está passando por momentos de angústia e dúvida sobre o modo de conduzir suas aulas.

Costa enfatiza a complexidade do perfil dos alunos que estão em sala de aula ao afirmar que “as salas de aula estão cada vez mais povoadas de jovens do século XXI”.

Baseado nessa mudança de comportamento do aluno, na necessidade de mudar o olhar do professor para essa situação e no papel que o coordenador pedagógico pode desempenhar como mediador nesses conflitos é que essa pesquisa foi idealizada.

Este trabalho tem como tema norteador “*A coordenação pedagógica e os desafios contemporâneos da educação: pluralidade cultural, (in)disciplina, violência*” e como título “*A coordenação pedagógica como mediadora frente à indisciplina em sala de aula*”.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de Samambaia, situada à Quadra 519 Área Especial 01 de Samambaia Sul, Distrito Federal, que oferece o Ensino Fundamental, séries finais do 6º ao 9º ano, com 15 turmas no período matutino e as outras 15 no vespertino. Conta-se também com o apoio pedagógico de três coordenadoras no ensino regular e uma na educação integral.

O tema indisciplina está presente no dia a dia da escola. Não temos hoje os mesmos alunos que tínhamos há anos atrás. Esse é um tema que tem gerado muitas queixas e angústias entre os profissionais da educação. Podemos dizer, sem sombra de dúvidas, que a indisciplina tornou-se uma das principais questões que a

escola enfrenta no seu cotidiano. Um problema que desestabiliza todo o ambiente escolar.

Nesta angústia, tenta-se achar os culpados, o qual os professores transferem toda responsabilidade para as famílias, que tem se omitido e transferido toda a responsabilidade de educar para a escola, com isso, não tem dado limites para os seus filhos.

Na tentativa de buscar respostas para a questão acima é que este trabalho se faz necessário, fruto de uma inquietação, proveniente da observação, da aflição dos profissionais da educação, é que busca-se entender: O que o coordenador pedagógico pode fazer diante das situações de indisciplinas dos alunos de hoje e da escola de ontem, no contexto pedagógico atual? Será possível retornar ao cenário de escola disciplinada do passado ou teremos que nos adaptar a essa situação?

Parte-se do princípio que o mundo tem sofrido grandes transformações, principalmente com o advento da tecnologia, possibilitando um mundo globalizado, onde somos bombardeados por informações o tempo todo, que tem gerado mudanças sociais e comportamentais. Com isso, a sociedade já não é mais a mesma, as atitudes e comportamentos dos indivíduos já não são os mesmos.

A escola que antes era vista como uma instituição de ensino rígida e autoritária, e os educadores acostumados a não serem “desrespeitados” e questionados nas suas regras e normas, cabendo aos alunos apenas obedecerem sem muitas argumentações e/ou reflexões, já não concebem mais este modelo, ou seja, tudo mudou. E, por acreditar que a escola é um espaço político, social e democrático, que tem a função social de ofertar uma educação formal de qualidade e transmitir valores morais, capaz de formar um cidadão consciente, crítico e reflexivo, é que esta pesquisa se faz necessária e de grande importância.

Elaborou-se como objetivo geral para esse estudo: Analisar os fatores que contribuem para a indisciplina em sala de aula, (6º ano “A” e 6º ano “B” do Ensino Fundamental), a fim de propiciar ao coordenador pedagógico uma atuação exitosa na construção de um ambiente favorável à aprendizagem. Como objetivos específicos pretendeu-se:

- Analisar as causas da indisciplina em sala de aula.

- Identificar as mudanças comportamentais, de valores, de atitudes e conceito de família na atualidade;
- Investigar como o coordenador pode contribuir para minimizar as questões de indisciplina na escola.

A referida pesquisa foi idealizada para ser realizada com os 80 alunos das turmas de 6º ano (“A” e “B”) do ensino fundamental, pelo fato de que é nesse período que ocorrem grandes transformações comportamentais e de indisciplina. Também fizeram parte da pesquisa, os 10 professores que trabalham com essas turmas. No entanto no dia da aplicação dos questionários 12 alunos das 2 turmas escolhidas faltaram a aula, visto que 68 responderam aos questionários.

## **CAPÍTULO I**

### **REFERENCIAL TEORICO**

Na escola atual o Coordenador Pedagógico é levado a assumir várias funções, muitas vezes relegando em segundo plano aquela atividade que poderíamos considerar como essencial. O desafio agora é buscar entender como o coordenador pedagógico pode, além de fazer todas as outras atividades que lhe são atribuídas, mediar os problemas de indisciplina em sala de aula, fazendo um elo entre professor-aluno. Esse trabalho é, muitas vezes feito pelo orientador educacional, que sozinho não consegue suprir a necessidade de toda a escola. Buscaremos alternativas nas falas dos autores estudados para fazer a inserção do trabalho do coordenador pedagógico nesse contexto, a fim de tentarmos amenizar a indisciplina nas turmas de 6º ano do Centro de Ensino Fundamental no qual foi feita a pesquisa. A referida escola tem um histórico de indisciplina elevado na série citada, talvez pelo fato de os alunos saírem de uma realidade em que estão acostumados com apenas um professor e uma única sala de aula para outra em que têm vários professores e tendo que trocar de sala a cada mudança de horário. Precisamos de alternativas para ambientar melhor esse aluno em um curto prazo para que ele se adapte o mais rápido possível ao novo ambiente escolar.

#### **1.1 DIFERENTES OLHARES SOBRE O COORDENADOR PEDAGÓGICO**

Segundo Franco, (2004), em *A indisciplina na escola e a coordenação pedagógica*, entre as reclamações mais constantes que os professores fazem no seu dia-a-dia, a mais frequente é sobre a indisciplina. O problema não é novo, porém, nos dias atuais está ganhando uma dimensão até então não vivenciada na escola. Muitos professores encontram grande dificuldade para conviver, administrar e criar alternativas de intervenção que possam ajudá-los a contornar situações dilemáticas com alunos indisciplinados.

Na maioria das vezes os professores preferem encaminhar os alunos à direção ou ao Coordenador Pedagógico, para que sejam aplicadas sanções a esses alunos indisciplinados. Vale lembrar que ações autoritárias não resolvem o problema

e pouco ajudam os alunos, podendo aumentar ainda mais o comportamento indesejado. Nesse contexto, destacamos a importância do Coordenador Pedagógico, que pode junto à equipe escolar, ajudar o grupo a discutir e a refletir sobre o problema da indisciplina. Este profissional pode ser pautado em duas dimensões: como investigador da realidade e na proposição de um projeto de formação junto ao corpo docente, como formas de buscar alternativas para mediar o problema.

Vários pontos podem ser observados pelo Coordenador Pedagógico: o que os professores entendem por indisciplina? A relação professor-aluno, a maneira como o professor concebe a disciplina em sala de aula influencia a sua relação com o aluno?

Geralmente é o docente que prima por uma relação pautada no respeito mútuo, que é percebido pelos alunos com admiração. Cabe ao Coordenador Pedagógico verificar como são as relações entre os professores e os alunos, pois nessa dinâmica pode estar o fator desencadeador de muitos conflitos que se apresentam nas escolas.

Diante dos dados coletados, o Coordenador pode em conjunto com a equipe escolar, construir um projeto visando à superação dos problemas. Nessa etapa é importante garantir a participação de toda a comunidade escolar. Várias ações podem ser planejadas, abrangendo pais, alunos, funcionários, professores e equipe técnica.

## **1.2 RAÍZES DA INDISCIPLINA**

Concordando com as ideias de Franco (2004) no sentido de que talvez seja na sala de aula, na relação professor-aluno que esteja a raiz do problema e a solução para o mesmo. Não é necessário mandar para a direção ou para a coordenação pedagógica um aluno que jogou uma bolinha de papel, por exemplo. Com uma boa conversa, um diálogo e um pouco de compreensão do professor e boa vontade do aluno, pode-se resolver ali mesmo impasses dessa natureza.

Segundo Aquino (1996, p.40), muitos distúrbios disciplinares deixaram de ser um evento esporádico e particular no cotidiano escolar para se tornarem, talvez, um

dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais. Nesse sentido, a maioria dos educadores não sabe ao certo como interpretar e/ou administrar o ato indisciplinado. Compreender ou reprimir? Encaminhar ou ignorar?

Outro dado significativo apontado pelo autor refere-se ao fato de a indisciplina atravessar indistintamente as escolas públicas e privadas:

Enganam-se aqueles que a supõem mais ou menos presente apenas em determinado contexto. Vale lembrar que, embora diferentes significados sejam atribuídos à problemática e até mesmo os próprios objetivos educacionais subjacentes a ambas possam ser distintos, elas parecem sofrer o mesmo tipo de efeito. Não se trata, pois de uma espécie de desprivilegio da escola pública; muito pelo contrário (AQUINO, 1996, p.40).

A indisciplina deixa, portanto de ser uma característica de escola pública ou de classes menos favorecidas. Ao contrário disso, vemos hoje nas escolas particulares alunos indisciplinados e muitas vezes mal educados e que não respeitam os professores.

Segundo Vasconcellos (2004), as causas da indisciplina podem ser encontradas em cinco grandes níveis: sociedade, família, escola, professor e aluno. Devemos nesse sentido, investigar quais são as causas da indisciplina na sala de aula, para então buscar construir algumas alternativas para lidar com o problema.

Deve-se superar a concepção de que o problema da indisciplina está no aluno, pois como afirma Franco (1986), o aluno tem sido a maior vítima de todo esse contexto. Daí a necessidade de pensarmos em algumas alternativas para amenizarmos esses problemas do cotidiano escolar.

Os professores têm uma forte tendência em jogar a culpa da indisciplina no aluno. A maioria tem grande dificuldade de fazer uma auto avaliação e assumir que pode sim ter uma parcela de culpa nesse processo de indisciplina em sala de aula.

Precisa-se concorrer com a internet e recursos tecnológicos que estão por toda parte. Na escola pesquisada, que é pública e localiza-se em área carente, muitos alunos tem celulares melhores que o dos professores, tem ipod, mp3, notebooks, e muitos outros aparelhos eletrônicos modernos. Enquanto isso as aulas ainda acontecem em uma sala de aula pouco ventilada, carteiras e cadeiras destruídas, em péssimo estado de conservação e sem nenhum atrativo para esses

alunos. O público desse Centro de Ensino são pré-adolescentes e adolescentes em plena sede de saber. Então, o resultado não poderia ser outro: alunos inquietos, desinteressados e indisciplinados. Portanto não se pode colocar a culpa total no aluno. Precisamos trabalhar para mudar esse cenário.

Para Vasconcellos (2004), um dos maiores culpados pelo problema da indisciplina na escola são as relações sociais. Assim, construir outra relação educacional entre a comunidade constitui-se uma importante finalidade. Deixamos a mera participação alienada e passiva, para construir uma participação consciente e interativa, “o aspecto coletivo da participação deve ser visto não como um processo despersonalizador, mas pelo contrário, como o principal instrumento de construção da individualidade” (VASCONCELLOS, 2004, p.53).

Seguindo essa mesma linha de pensamento, de que a indisciplina é resultado das relações sociais, e levando em conta que o professor está inserido nesse contexto,

Vale destacar, que o professor também precisa se constituir como um sujeito ativo no processo, estando atento às diferenças entre os alunos, combinando-as e buscando que cada sujeito contribua no processo de construção de conhecimentos de acordo com seus limites e potencialidades. *“A situação em sala de aula é intrincada, pois ali se encontram vários seres imersos em processos de alienação. Cabe ao educador, como ser mais experiente e maduro, tomar a iniciativa de buscar romper o círculo da alienação”* (VASCONCELLOS, 2004, p.54).

### 1.3 DISCIPLINAR POR COAÇÃO OU POR CONVICÇÃO?

É importante também que o professor tenha autoridade, para conduzir de forma mais proveitosa possível o processo de ensino-aprendizagem. E essa autoridade, precisa ser exercida nos domínios intelectual, ético, profissional e humano. Sobre a questão da autoridade, Luna (1991) enfatiza:

... o professor com autoridade é também aquele que deixa transparecer as razões pelas quais a exerce: não por prazer, não por capricho, nem mesmo por interesses pessoais, mas por um compromisso genuíno com o processo pedagógico, ou seja, com a construção de sujeitos que, conhecendo a realidade, disponham-se a modificá-la em consonância com um projeto comum. (LUNA 1991, p.69).

Nessa perspectiva, o professor deve ser exigente, mas não com normas rígidas, incoerentes, mas no qual exija que os educandos participem de forma significativa da construção de seus conhecimentos.

Segundo Vasconcellos (2004), encontramos de forma geral duas maneiras de conseguir a disciplina; sendo uma delas por coação, resultado de uma educação autoritária ou por convicção, na linha de uma educação dialético-libertadora. Ambas, apresentam aparentemente os mesmos resultados, mas as marcas que são deixadas nos sujeitos são completamente distintas. “A obtenção de disciplina por coação está baseada no uso da punição como ameaça ou como prática efetiva. Esta forma de disciplina leva, portanto, à heteronomia (ser governado por outrem) ao invés de propiciar a autonomia (ser governado por si próprio)” (VASCONCELLOS, 2004, p.58).

O professor, ao exigir que as normas sejam seguidas e que a disciplina esteja presente em sua sala de aula precisa conhecer essas duas modalidades de disciplina e estar cientes do resultado conseguido com cada uma delas. Pensando nisso, explicita-se que

A disciplina conseguida por coação contribui para a formação de indivíduos passivos, obedientes, dependentes, imaturos e que não compreendem o contexto social no qual estão inseridos. Já a disciplina construída por convicção, auxilia para formar sujeitos ativos, autônomos, responsáveis e que tem no diálogo a base de seu desenvolvimento. *“Se queremos que as crianças desenvolvam a autonomia moral, devemos reduzir nosso poder adulto, abstendo-nos de usar recompensas e castigos e encorajando-as a construir por si mesmas seus próprios valores morais”* (KAMII, 1986, p.109).

Para construirmos essa disciplina por convicção, devemos inicialmente investigar as causas da indisciplina em sala de aula. Precisamos conhecer a realidade na qual esses sujeitos estão inseridos, bem como estabelecer um diálogo permanente com os familiares e com a própria coordenação pedagógica da escola. Isto significa superar o famoso “empurra-empurra”, como afirma Vasconcellos (2004, P.66)

Os professores dizem que os responsáveis pela indisciplina em sala são os pais (que não dão limites), que culpam os professores (que não são competentes) e a escola (que não tem pulso firme), que culpa o sistema (que não dá condições), etc.



Nessa perspectiva, muitas vezes é construída uma concepção de que a maior vítima dos problemas indisciplinares são os professores, mas na verdade os alunos também são vítimas, já que não conseguem se desenvolver, nas múltiplas dimensões: cognitiva, afetiva, social, entre outras. O aluno tem sido a maior vítima dessa situação: de um lado vítima da “engrenagem maior” que tem achatado os salários de seus pais e, de outro, vítima de uma “engrenagem menor”, ou seja, a escola. (FRANCO, 1986, p48).

Vasconcellos (2004) menciona que o professor deve compreender que sua função é legitimada socialmente, na medida em que tem como função formar as novas gerações. Paralelamente, deve buscar a legitimação de sua autoridade pelo grupo de alunos, ou seja, as crianças precisam reconhecer que o poder que o professor dispõe esta sendo utilizado como um serviço, como um recurso para o bem do coletivo, indo além da mera disciplina formal e autoritária.

Nessa perspectiva de trabalho, uma relação de respeito será construída entre toda comunidade escolar, e esse clima de respeito contribuirá para a construção da cidadania e do direito à diferença. Assim, o clima de alienação muitas vezes presente nas instituições escolares, no qual nenhum envolvido (professor, aluno, familiar, coordenador pedagógico) percebe sua função no contexto social, dará lugar a uma educação consciente e convicta. Portanto, todos os atores do envolvidos no processo de ensino aprendizagem precisam ter consciência de que

Ter respeito para com os alunos é uma das necessidades da postura de um educador consciente. Deve também exigir respeito dos alunos para com os colegas e para consigo. O professor não pode exigir que o aluno goste dele ou dos colegas, mas o respeito ele pode exigir. No caso de ser desrespeitado, restabelecer os limites (não entrar no círculo vicioso do desrespeito) (VASCONCELLOS, 2004, p. 93).

O ambiente da sala de aula deixará então de constituir-se como espaço de preconceitos, de ausência de significados, de alienação, de “rótulos”, onde se encontravam os “bons” e os “ruins”, para tornar-se um espaço de conflitos positivos, que propiciam o desenvolvimento, o diálogo e o respeito às diferenças.

Enfrentar um conflito é para os alunos, uma oportunidade de trocar pontos de vista, de argumentar, de propor soluções, de dialogar, de procurar uma solução em comum e construir a autonomia de cada um. Se o professor resolve o conflito em vez de deixar que as crianças o resolvam, está impedindo que elas se construam como pessoas e aprendam (PARRAY-DAYAN, 2008, p.93).

Como destaca Vasconcellos (2004), a criança precisa ter espaço de expressão, para sentir que a escola também é sua, que é sujeito. Para isto, o professor como mediador deve garantir um clima de comunicação, segurança, aceitação, encorajamento, confiança, favorável a participação ativa dos alunos.

Os alunos também aprendem a respeitar as normas e as regras que ajudaram a construir, os colegas, professores e demais profissionais da escola. E essa aprendizagem do respeito pelas crianças em suas múltiplas dimensões são essenciais para um bom andamento do trabalho nas aulas.

Acreditamos que para atingirmos nossos objetivos não podemos também desconsiderar a relação afetiva entre os envolvidos no processo educacional. E isto não significa aceitar tudo o que os alunos fazem ou querem, é importante estabelecer conjuntamente limites para o bom desenvolvimento das aulas. E caso esses limites não sejam respeitados, é importante cumprir o que já havia sido combinado com a turma. O professor, não deve recorrer ao condicionamento baseado no prêmio-castigo, como afirma Vasconcellos (2004):

Os alunos que apresentam problemas de disciplina precisam de uma ação educativa apropriada: aproximação, diálogo, investigação das causas, estabelecimento das causas, estabelecimento de contratos, abertura de possibilidades de integração no grupo, etc. e no limite, se for preciso, a sanção por reciprocidade, qual seja uma sanção que tenha a ver com o comportamento que está tendo (Vasconcelos 2004, p.116).

Vale destacar, que a família também precisa estabelecer limites, acompanhar o trabalho do filho na escola e tomar atitudes quando esses limites construídos conjuntamente não são respeitados.

Há algumas décadas vem ocorrendo um processo de imbecilização, de destruição do professor, que chegou até a atingir profundamente seu autoconceito, sua autoimagem, sua autoestima. Isto é uma perversidade em termos de País. As classes dominantes tiram vantagem desta situação em termos imediatos - um povo sem educação e cultura é mais facilmente manipulado -, mas é um suicídio coletivo em longo prazo. Estamos percebendo alguns sinais claros disto: a questão da violência está emergindo com tanta força, que assusta a todos, até os próprios

dominantes. Por trás deste fato, há também, com certeza, um trabalho educacional malfeito, seja no sentido da negação da possibilidade do processo de humanização dos sujeitos, seja no sentido da anulação do caráter transformador do conhecimento. De onde vem o drama do professor? Em parte, da percepção de que está incapacitado para dar conta de sua tarefa: o mundo mudou, o aluno mudou, mudou a relação escola-sociedade e ele continua o mesmo... O que lhe foi ensinado? Transmitir o conteúdo, cumprir o programa, controlar o comportamento do aluno através da nota. Hoje, as exigências são outras!

O que dizer de um profissional da Educação que, muitas vezes, não sabe como se dá o conhecimento, não domina o próprio sentido do que ensina, em alguns casos mais extremos nem ao menos domina o próprio conteúdo que ministra ou, quando domina, ensina baseado na mera transmissão? Isto é terrível, sabemos; todavia, com certeza, não será "tampando o sol com a peneira"-querendo esconder nossas falhas e deficiências - que iremos resolver os problemas.

Insistimos que não se trata de um julgamento moral, como se o professor fizesse isto porque quer, porque escolheu conscientemente ser um mau profissional. Ele é vítima também de uma lógica desumana e excludente. Mesmo quem saiu dos melhores centros de formação sabe que tem uma séria defasagem na sua capacitação, até porque a educação escolar, como vimos, é uma atividade *de per si* extremamente complexa, ainda mais a ser exercida nos dias de hoje.

Nos últimos anos, as mais diferentes pesquisas educacionais tem mostrado que a escola brasileira está produzindo fracasso em cima de fracasso: basta ver os elevadíssimos índices de reprovação e evasão escolar, o baixíssimo grau de aprendizagem dos alunos que tiveram "sucesso" revelado nas testagens nacionais e internacionais de conhecimentos mínimos. Esta sensação de fracasso começa com os próprios professores, por não terem condições mínimas de trabalho. A negação da escola começa pela negação do próprio professor. E isto não é à toa... Precisamos reconhecer sua delicada situação; de certa forma, nunca se pediu tanto ao professor como se pede hoje e ao mesmo tempo, nunca se deu tão pouco.

É necessário superar também este processo de infantilização: a falta de autonomia do professor. Amiúde, decisões superiores são simplesmente comunicadas aos professores, que assumem algo em que não veem o menor

sentido. Se o professor não começar a exercitar um pouco a sua dignidade, a sua cidadania, ter coragem de perguntar: por quê?, para quê? como?; se o professor não reagir, vai continuar imbecilizando-se. Muitos livros didáticos estão aí para isto também: quer coisa mais ofensiva que um livro do professor com resposta? É um profundo desrespeito.

A grande questão que, a nosso ver, precisa ser enfrentada com urgência e verdade é: muito bem, estamos no buraco. Há a necessidade de valorização do professor, e podemos constatar nas ideias de Vasconcelos que

fica claro que um dos maiores desafios é o resgate do professor como sujeito de transformação: acreditar que pode, que tem um papel a desempenhar muito importante, embora limitado. Acreditar na possibilidade e mudança do outro, de si e da realidade (VASCONCELOS, 1997, p. 237).

#### **1.4 E AGORA? COMO VAMOS SAIR DESTA?**

Enquanto não tivermos coragem de enfrentar esta questão, superando os escapismos e os sonhos de eventuais "salvadores da pátria", não veremos muita possibilidade de mudança.

Para mudar a realidade, é preciso fazer uma opção muito clara; no entanto, para não mudar, não é preciso fazer opção, uma vez que há uma lógica montada no sentido da reprodução. É como o sujeito que vai até ao meio do rio com uma bóia e diz: "Agora vou ser neutro: vou ficar parado; não vou nadar nem em direção à nascente do rio, nem em direção à sua foz". Pergunta: embora se tenha posicionado pela neutralidade, ficou parado? Em relação ao rio, sim, porém em relação à margem, não; objetivamente está descendo, embora não tenha optado conscientemente por isso. Há uma lógica em andamento, não podemos ser ingênuos.

Poderíamos lembrar aqui aquela forte colocação de SARTRE: "O importante não é tanto o que fizeram comigo, mas o que faço com o que fizeram comigo".

É necessário resgatar o professor como sujeito de transformação. Não vai ser mantendo-nos no estágio de heteronomia, onde não podemos pensar, onde tudo vem pronto, que nos estarão ajudando. Faz-se necessário sair um pouco do "piloto

automático", daquele mecanicismo, formalismo, que nos colocaram e começar a exercer uma das funções básicas de qualquer pessoa, de qualquer cidadão, contudo muito importante para o professor, que é a função da reflexão. Refletir, buscar, comprometer-se.

Como entender esta construção de uma nova disciplina na sala de aula e na escola? Seria algo fácil, imediato? É evidente que não; é uma tarefa muito difícil, todavia importantíssima. Para enfrentá-la, é preciso ter uma visão de processo.

- É algo extremamente complexo. Muitos fatores interferem. Necessário se faz atuar em todas as frentes. Nenhum fator em si, em princípio, é "decisivo". Há que se analisar o caso concreto (ex.: classe com 15 alunos e terríveis problemas de disciplina). Não desprezar nenhum fator, caso contrário vai acumulando uma série de pequenos problemas que gera um muito maior.
- A mudança não vai ocorrer de uma vez; porém, é um processo, que se dá por aproximações sucessivas: valorizar os passos pequenos, porém concretos e coletivos na nova direção.
- Quanto mais participativo for este processo, maiores serão as possibilidades de dar certo.
- É preciso partir da realidade concreta que temos; não adianta ficar reclamando ou sonhando com outra. É esta a realidade, é este o ponto de partida para a transformação.

Diante dessa necessidade de se construir uma nova disciplina em sala de aula não se pode deixar de levar em consideração as ideias de Vasconcelos que diz

Acreditamos profundamente no professor; hoje ele pode ter um papel revolucionário (ainda que correndo o risco, ao afirmarmos isto, de sermos chamados de "jurássicos", de utópicos). Esta onda neoliberal, que está aí quebrando todas as esperanças, tem muitos interesses não explicitados. O professor lida sim com a esperança, com a utopia; isto faz parte da essência do seu próprio trabalho (VASCONCELOS, 1997, p.239).

Vasconcelos comenta ainda que, quando se fala de responsabilidade no campo da educação, com certeza o professor tem uma parcela considerável, ainda que absolutamente não exclusiva. É preciso falar de projeto, de compromisso, de

mudança da realidade. E aí, o professor que não entregou os pontos tem uma importante contribuição a dar.

## **CAPÍTULO II**

### **METODOLOGIA DE PESQUISA**

Neste capítulo aborda-se como foi desenvolvida a coleta dos dados deste estudo, que engloba o cenário da pesquisa, os participantes do estudo, os instrumentos de coleta de dados e os procedimentos de coleta e análise dos dados.

Realizou-se estudo exploratório, descritivo e de abordagem qualitativa, considerando que esta possibilita maior aproximação com o cotidiano e as experiências vividas pelos próprios sujeitos.

A opção pela pesquisa qualitativa levou em conta o conceito dessa modalidade de estudo apresentada por Moresi (2003):

Pesquisa Qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente (MORESI, 2003, p. 8).

A abordagem qualitativa quanto aos fins classifica-se como de campo, ou seja,

Pesquisa de campo é uma investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo. Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não (MORESI, 2003, p. 8).

#### **2.1 Cenário da pesquisa**

Tem-se como cenário da pesquisa uma escola pública de ensino fundamental localizada à QR 519 Área especial 01- Samambaia Sul – periferia - Região Administrativa do Distrito Federal. Observa-se, nessa região de Samambaia, grande quantidade de pessoas com poder aquisitivo inferior a média da cidade, refletindo na comunidade de alunos que na sua maioria são alunos carentes.

A escola conta com 15 salas de aula que funcionam nos três turnos, uma biblioteca que se encontra fechada por falta de um profissional que possa atender os alunos, sala para educação integral, um espaço para atividade física (uma quadra que não atende as exigências necessárias para uma boa prática de esportes), lanchonete, sala de informática que não está sendo usada por falta de monitor, sala de vídeo, além de dependências como direção, coordenação, sala dos professores e um pátio onde os alunos passam os intervalos. As condições de limpeza não são as ideais. Há apenas 2 servidoras em cada turno e por isso há necessidade da ajuda dos professores e dos alunos na limpeza das salas de aula.

Como equipe de apoio, a escola conta com 12icineiros da Educação integral, que são pessoas da comunidade pagas com recursos dos programas PDAF e Mais Educação, além de uma monitora da Secretaria de Educação que atende os alunos com necessidades especiais.

O planejamento pedagógico é feito semanalmente nas coordenações coletivas, direcionadas pelo coordenador pedagógico e eventualmente pela assistente pedagógica. Há uma semana por bimestre reservada para as avaliações bimestrais em que todos os alunos fazem a mesma prova ao mesmo tempo. Ainda contam com o estudo dirigido que é realizado durante uma semana. No estudo dirigido os professores aplicam atividades diferenciadas que compõem a nota bimestral.

A escola não conta com área verde. É uma escola bem pequena que conta com um pátio e uma pequena quadra de esportes. Durante o intervalo as salas de aula são trancadas e os alunos utilizam-se dos pátios e corredores para se distraírem. A escola conta com dois intervalos, o primeiro deles é dirigido pelos professores que estão em horário de coordenação, que disponibilizam a quadra de esportes, mesa de pingue-pongue e totó para os alunos usarem durante o intervalo.

A relação entre escola e família é relativamente boa. A Orientadora faz um trabalho em que procura trazer a família para dentro da escola. Infelizmente há casos em que a família não atende aos chamados.

A família é convocada em caso de indisciplina do aluno, problemas com aprendizagem, problemas com notas e brigas entre alunos. É convidada em eventos como dia da família na escola e festa junina, por exemplo.



## **2.2 Participantes do estudo**

Os participantes do estudo foram 68 alunos do 6º ano do ensino fundamental, turmas A e B da escola citada. Aplicou-se o questionário em duas turmas do 6º ano, nas quais estão matriculados 80 alunos, ou seja, 40 em cada turma, mas apenas 68 alunos responderam aos questionários, pois 9 alunos faltaram à aula neste dia e 3 alunos encontravam-se de atestado médico. A grande maioria dos alunos pesquisados possui idade entre 10 e 12 anos. Somente 2 alunos possuem mais de 12 anos de idade.

Todos moram na referida comunidade, estão inseridos na faixa etária entre 10 e 12 anos, dentre os quais 20 eram do sexo masculino e 48 do sexo feminino, o que representa proporcionalmente a distribuição do sexo da população discente no ambiente escolar.

Com relação aos sujeitos professores, contou-se com a participação de 10, sendo que 7 são do sexo feminino e 3 do sexo masculino. O quantitativo de 8 professores possuem especialização e todos participam de cursos de aperfeiçoamento constantemente.

## **2.3 Procedimentos de coleta de dados**

Para a coleta de dados optou-se pelo grupo por serem alunos que apresentam alto índice de indisciplina e dificuldade de adaptação à nova escola, já que são todos recém-chegados de escolas classe. O grupo de professores foi escolhido pelo fato de trabalharem com essas duas turmas de 6º ano, sendo que o motivo principal de se ter como sujeitos dessa pesquisa, professores e alunos, deve-se ao fato de se buscar fazer uma comparação e uma análise das versões de ambos os segmentos pesquisados.

Logo após a realização da observação, aplicou-se o questionário aos alunos acima mencionados.

## **2.4 Instrumentos da coleta de dados**

Para chegar aos resultados esperados foram aplicados os seguintes instrumentos na coleta de dados:

1. Roteiro de Observação: do comportamento dos professores e alunos quanto ao assunto indisciplina (apêndice 1).
2. Questionário com perguntas abertas e fechadas realizado com os docentes que atuam na escola, (apêndice 2);
3. Questionário com perguntas abertas e fechadas aplicado aos alunos da escola (por amostragem, (apêndice 3);

## **CAPÍTULO III**

### **Análise de Dados e Discussão dos Resultados**

Este capítulo apresenta os resultados encontrados a partir dos dados coletados por meio da aplicação do questionário aberto aplicados a 68 alunos do ensino fundamental do 6ºano turmas A e B e a 10 professores atuantes nessa instituição de ensino, além de um relatório da observação do ambiente escolar.

A análise de dados e a discussão dos resultados foram de suma importância para compreensão dos fatos que levam a ocorrência da indisciplina na referida instituição de ensino e das possíveis intervenções que poderão ser feitas a partir desse estudo.

Portanto, primeiramente apresento a análise dos dados coletados por meio da observação. Em seguida, parto para a análise e discussão, à luz da teoria que embasa este estudo, dos dados coletados pelo questionário referente aos alunos e por último os resultados do questionário referente aos professores. Usou-se nomes fictícios para os participantes da pesquisa a fim de preservar a identidade dos mesmos.

#### **A) A observação**

No caso de indisciplina, os pais são convocados e atendidos, há uma conversa entre escola e a família e na medida do possível os problemas são resolvidos. Há uma atenção especial por parte da orientadora educacional, que atende os pais com muita presteza.

Os alunos se comportam relativamente bem. Há muita conversa em sala, especialmente nos momentos em que a turma fica sem atividade para fazer. Não foi identificado nenhum caso grave dentro de sala de aula. Segundo Fávero Sobrinho (2010, p.9),

O convívio com os amigos é um dos aspectos mais significativos do cotidiano dos jovens, e um dos mais valorizados, mesmo como forma de prazer. É com os amigos que os jovens partilham as suas opiniões, demonstram maior vontade de interação, o que se constitui em um importante papel de integração social.

Cabe ao professor fazer um acordo com os alunos para que no momento em que ele estiver explicando a matéria ou no momento da atividade essa conversa seja deixada para outro momento.

Os alunos do 6º ano, ainda muito imaturos costumam brigar nos intervalos. São brigas infantis como, por exemplo, quando um fala mal da mãe do outro ou coisas desse tipo. Também há uma exclusão dos alunos do 6º ano pelos alunos do 9º ano. Os alunos de 9º ano dizem que os de 6º são muito infantis e que correm muito. No entanto, casos graves de indisciplina ou violência não foram observados.

Não podemos dizer que há uma relação de confiança entre professor/aluno. A relação é boa, porém não há muito diálogo. Existe certo distanciamento entre eles e um número grande de reclamações dos alunos pela falta de diálogo entre o professor e o aluno. Ainda não se leva em consideração que o aluno mudou, e que a escola e a postura do professor também precisa mudar.

Segundo Tardiff, (2002), cabe ao professor problematizar os “registros experienciais e culturais” presentes no cotidiano escolar e articulá-los aos “registros epistêmicos” próprios da educação escolar e para os quais ele, como “sujeito epistêmico” recebeu uma formação pedagógica. O autor diz ainda que cabe ao professor estabelecer ligações transversais de “saber para saber”, ponto fundamental de um novo tipo de interação educativa entre o saber científico, do qual o professor é o agenciador, e os “saberes dos alunos”, quaisquer que sejam eles, sejam quais forem suas condições de historicidade em sala de aula. Tardiff (2002) sugere três passos que o professor pode seguir para adotar essa postura. Dentre esses passos, o primeiro intitula-se “A escuta sensível” e diz: Saber ouvir o que os alunos, como sujeito coletivo, têm a dizer. É a partir desse momento que o professor pode estabelecer um diálogo com o universo simbólico dos alunos, desvelando as suas falas, as suas narrativas, a sua utopia, os seus sonhos, as suas necessidades, as suas possibilidades e seus limites.

Há o costume de os alunos procurarem ajuda da coordenação e orientação quando precisam resolver algum problema. Eles veem o coordenador como um ponto de apoio quando não conseguem resolver seus problemas com os professores.

Na tentativa de responder às demandas da escola, o coordenador pedagógico afasta-se do seu referencial atributivo, da conscientização de suas atribuições e de seu papel referencial de coordenador de ações. Esse afastamento instabiliza o profissional, a tal ponto que, segundo Bartman (1998, p.1) o coordenador não sabe quem é e que função deve cumprir na escola. Não sabe que objetivos persegue. Não tem consciência do seu papel de orientador e diretivo. Diante dessa sobreposição de papéis o coordenador passa também a atender o aluno nas suas necessidades que não são supridas em sala de aula.

A maioria dos alunos participa das atividades propostas pelos professores. Há uma pequena minoria em cada sala que não faz atividades e vez ou outra precisa ser encaminhada à direção.

O comportamento da turma varia de acordo com o professor regente. Há professores com mais domínio de turma e outros que deixam a turma um pouco mais a vontade. Em aulas como matemática e português os alunos se comportam melhor, com menos conversa paralela e muita atividade para fazer. Em aulas como arte e educação física percebe-se que os alunos apresentam um comportamento não muito exemplar.

É importante que o professor tenha autoridade, para conduzir de forma mais proveitosa possível o processo de ensino-aprendizagem. E essa autoridade, precisa ser exercida nos domínios intelectual, ético, profissional e humano. Neste sentido

... o professor com autoridade é também aquele que deixa transparecer as razões pelas quais a exerce: não por prazer, não por capricho, nem mesmo por interesses pessoais, mas por um compromisso genuíno com o processo pedagógico, ou seja, com a construção de sujeitos que, conhecendo a realidade, disponham-se a modificá-la em consonância com um projeto comum (LUNA 1991, p.69).

Observou-se alguns casos de professores que possuem muita autoridade com os alunos, que são muito respeitados pelo grupo de alunos e que nem por isso usam de autoritarismo. A autoridade é acompanhada de muito carinho para com os alunos. Em contrapartida, há outros que mesmo sendo “bacanas”, “legais” com os alunos, não são muito respeitados no que se refere à disciplina em sala de aula.

Os professores tratam seus alunos bem. Apesar de perceber alguns que falam claramente que não gostam de contato direto com alunos, que preferem manter distância. Na maioria dos casos há uma relação amigável entre alunos e professores, no entanto sem muito diálogo. Podemos aqui recorrer às ideias de Arendt que diz (...) a educação é o ato de acolher e iniciar os jovens no mundo tornando-os aptos a dominar, apreciar e transformar as tradições culturais que formam a herança simbólica comum e pública (ARENDT, 1990, p. 239).

Os professores tentam resolver os pequenos problemas de indisciplina em sala. Casos como aluno que joga bolinha de papel, xinga o colega em sala e não faz uma atividade ou outra são resolvidos em sala. Em casos mais graves os alunos são encaminhados à direção da escola. Essas decisões dos professores são tomadas baseadas nas ideias de Vasconcelos (1997) que defende a proposta de que o professor deve ter condições de, por exemplo, entabular uma conversa mais particular com algum aluno, se as providências tomadas em sala de aula não foram suficientes para resolver o problema. Esse tipo de atitude foi observado em alguns professores durante a pesquisa. Em casos em que o aluno não estava se adequando às regras da sala, o professor o convidava a ir até outro local para terem essa conversa mais particular. Na maioria dos casos observados, o resultado foi positivo, não necessitando da intervenção da equipe diretiva.

A direção aplica as punições de acordo com a gravidade do caso. Pode ser apenas uma conversa com o aluno, uma advertência, suspensão, chegando até a transferência da escola. A família sempre é avisada no caso de o aluno comparecer à direção por indisciplina. Há dois anos a escola adotou a figura do coordenador disciplinar. Este coordenador fica exclusivamente responsável por resolver problemas com disciplina. É o coordenador disciplinar que faz o primeiro atendimento ao aluno, em seguida faz contato com a direção e a família do educando.

Ficou claro que as causas das manifestações de indisciplina observadas estão centradas nas relações que ocorrem em sala de aula. A raiz dos problemas de comportamento manifestados em sala de aula está na atuação do educador e sua relação com os alunos.

Retomando as ideias de Franco (2004) no sentido de que talvez seja na sala de aula, na relação professor-aluno que esteja a raiz do problema e a solução para o mesmo. Não é necessário mandar para a direção ou para a coordenação pedagógica um aluno que jogou uma bolinha de papel, por exemplo. Com uma boa conversa, um diálogo e um pouco de compreensão do professor e boa vontade do aluno, pode-se resolver ali mesmo impasses dessa natureza.

Há professores que raramente tem problemas de indisciplina em sala e nos casos raros em que acontece, resolve tudo com diálogo com os atores do ato indisciplinado. Com esse conhecimento o coordenador deve intervir junto ao docente para que a situação seja contornada e a aprendizagem dos alunos não seja prejudicada.

Para entendermos e lidarmos bem com o nosso aluno, precisamos acima de tudo compreender que os tempos mudaram e que dentro da escola não é diferente. Green e Bigum (1995) tem se destacado por estabelecer a diferença histórica entre o aluno de ontem e o de hoje. Para eles, os alunos que estão em nossas escolas são radicalmente diferentes dos alunos de épocas anteriores por apresentarem uma “historicidade pós-moderna”, constituída por um conjunto de práticas culturais responsáveis pela “produção” de sujeitos particulares, específicos, com identidade e subjetividades singulares. Para os autores, o aluno de hoje é

...um sujeito-estudante pós-moderno porque ele apresenta um novo tipo de subjetividade humana – uma subjetividade pós-moderna – que se caracteriza pela efetivação particular da identidade social e da agência social, corporificadas em novas formas de ser e de tornar-se humano (GREEN E BIGUM 1995).

## **B) A indisciplina em sala de aula sob a visão dos alunos**

Os alunos foram questionados sobre a **importância da escola em sua vida** e a maioria (54) considera que a escola é muito importante em sua vida contra uma minoria (12) que considera a escola importante. Somente 2 alunos classificam-na como pouco importante em suas vidas.

Apesar de a maioria dos alunos afirmar que a escola é muito importante em sua vida, há um total acordo com as ideias de Vasconcelos (1997) quando ele diz que há uma absoluta falta de sentido para o estudo por parte dos alunos. A pergunta “estudar pra que”, nos parece, nunca esteve tão forte na cabeça dos alunos como

agora. A famosa resposta dada por séculos, “estudar para ser alguém na vida”, chega a provocar risos nos alunos, ante a clara constatação de inúmeras pessoas formadas, porém desempregadas ou mal remuneradas.

Com relação aos **tipos de aulas que mais motivam os educandos** há uma preferência (24 alunos) pelas aulas com recursos multimídia como vídeos e computadores, porém há uma parcela que se interessa por aulas expositivas (12 alunos) juntamente com os que gostam de trabalhos em grupo (16) e aqueles que gostam de aulas mais interativas (14 alunos).

Os resultados da questão aqui analisada vêm ao encontro das ideias de Mariano Narodowzky (2001), educador argentino, que diz que a ideia consolidada pela educação moderna de que as crianças e jovens são obedientes e dependentes não corresponde mais à realidade contemporânea. Para ele, tanto a infância quanto a adolescência devem ser ressignificadas na perspectiva do cruzamento de dois grandes polos:

“Um é o polo da infância hiper-realizada, da infância da realidade virtual. Trata-se das crianças que realizam sua infância com a internet, os computadores, os sessenta e cinco canais da TV a cabo, os videogames, e há tempo deixaram de ocupar o lugar do não-saber. (...) O outro ponto de fuga é constituído pelo polo que está conformado pela infância desrealizada. É a infância que é independente, autônoma porque vive na rua, porque trabalha desde muito cedo, é a infância não da realidade virtual, mas da realidade real. (NARODOWZKY, 2001)

A grande maioria classifica sua sala de aula como um ambiente disciplinado (60) contra 8 que consideram-na um ambiente indisciplinado. Dos alunos questionados 30 afirmaram que já foram indisciplinados em sala de aula e os outros 38 disseram que nunca praticaram atos indisciplinados. Desses 30 alunos que responderam sim, apenas 4 disseram que já o praticaram muitas vezes, enquanto 16 foram indisciplinados somente uma vez e os outros 10 alunos foram indisciplinados poucas vezes em sala de aula.

Na classificação geral de alunos indisciplinados apenas 6 se consideram como tal enquanto os outros 62 se julgam alunos disciplinados.

Foi pedido aos alunos que **classificassem as atitudes tomadas em sala de aula desde atitudes não graves até atitudes gravíssimas**. A maioria considera atitudes como “*manter conversas paralelas com os colegas*” como atitudes não



graves e “*não acatar as ordens do professor*” e “*agredir fisicamente os colegas*” como atitudes que desestabilizam o ambiente de sala de aula e que precisa ser punido.

Quando perguntados sobre **as causas de indisciplina dos alunos** uma parcela considerável (28 alunos) reconhece que o motivo é o desinteresse pela escola e outros 20 dizem que as aulas são pouco interessantes. Poucos citam sala pouco vigiada e castigos pouco severos como fator principal. Aqui, é necessário concordar com Costa (2005) que diz que já é tempo de nos darmos conta de que o mundo mudou muito também dentro das nossas escolas.

O professor precisa acompanhar, em suas aulas, o avanço tecnológico que acontece fora dos muros da escola. A tecnologia avançou demais e o professor infelizmente não acompanhou. O resultado são aulas monótonas e alunos desinteressados.

A maioria (44) diz que as medidas adotadas pela escola contra problemas disciplinares são adequadas e os outros 24 não concordam com tal afirmação. Esses 24 alunos que discordaram dos colegas acham que o professor deve dialogar mais com o aluno, tornar o espaço escolar mais agradável e que precisa haver um acompanhamento mais individualizado com os alunos com dificuldades. A respeito dessa questão, Fávero Sobrinho (2010) defende que com a presença dos jovens, a escola constitui-se em um espaço de convivência, pois a ordem, a disciplina, o silêncio cederam espaço à comunicabilidade, à sociabilidade e à interatividade.

Surpreendentemente 44 dos 68 alunos optam por um ambiente escolar formal, em que toda e qualquer atividade está devidamente enquadrada num horário definido.

É complicado para o professor manter o equilíbrio entre o formalismo do ambiente escolar e um ambiente em que o diálogo esteja sempre presente, situação esta, apreciada por grande parte dos alunos questionados. Por conta dessa dificuldade podemos recorrer às ideias de Vasconcelos (1997) que diz:

A educação, para ser autêntica precisa de direção, de orientação. Contudo, ao mesmo tempo, precisa de liberdade e de espontaneidade. O desafio é esse: quando estamos sendo “porto seguro”, temos de questionar: “Até que ponto deveríamos ser ‘mar aberto’, incentivar a participação do grupo?” Quando estamos sendo “mar aberto”, precisamos manter a tensão: “Até que ponto não teríamos que ser “porto seguro”, amarrar, sistematizar, intervir?”.

Manter essa tensão interna é a arte do professor para enfrentar a questão da disciplina. (VASCONCELOS, 1997).

O questionário que foi aplicado aos alunos continha duas questões abertas em que era possível cada aluno expressar sua opinião sobre os questionamentos. A questão de número quatro perguntava aos alunos **o que professor pode fazer para melhorar a disciplina na sala de aula**. A maioria dos alunos deram respostas muito parecidas, tocando no ponto em que o professor precisa ser mais justo nas punições, ou seja, punir apenas o aluno que está atrapalhando a aula, conforme a fala da aluna Marina que diz que “a professora de matemática precisa conversar primeiro com os alunos antes de começar a aula; tem que ter diálogo; não pode fazer igual a professora Cláudia que dá advertência para todos os alunos só porque erraram umas questões no dever”.

Outro ponto recorrente na fala dos alunos é a questão do diálogo entre o professor e o aluno. Muitos reclamam que o professor já chega na sala, nem sequer cumprimenta a classe e já coloca a atividade do dia no quadro. A aluna Cristina deixa claro essa postura quando comenta que “o professor poderia ser mais legal e mais compreensível com os alunos, principalmente a professora de matemática. Conversar mais com os alunos; se o aluno não entendeu, explicar de novo”.

De forma indireta, os alunos também tocaram em questões que evidenciam a falta de comprometimento do professor com as aulas e com a questão disciplinar da sala. A aluna Samara comentou que o professor “deveria ficar mais na sala de aula, castigar os alunos quando fizer coisas erradas e não passar um dever e no outro dia não dar visto e melhorar a aula”.

A maioria dos alunos concorda que precisa haver punições para alunos que não se enquadram às regras, porém boa parte deles julga que a professora Cláudia precisa ser mais justa nas punições. Na opinião deles precisa haver mais diálogo por parte dos professores. Eles reclamam do fato de o professor chegar, mal falar bom dia e já aplicar os deveres do dia. Disseram que gostariam que os professores dialogassem mais com eles sobre questões do dia a dia, do relacionamento dentro da escola.

O objetivo das questões abertas era fazer com que os alunos expusessem suas opiniões e angústias sobre a indisciplina em sala e que fizessem uma análise

mental sobre as atitudes dos professores e das suas próprias atitudes em sala de aula. Para isso contamos com o suporte das ideias de Fávero Sobrinho (2010, p 8.) que analisa o aluno de hoje em detrimento do aluno de antes. Segundo o autor o aluno que está em sala de aula já não corresponde a nenhuma das representações propostas pela cultura escolar de natureza iluminista, porque, hoje na posição de *sujeito do conhecimento*, ele é, sobretudo, um sujeito histórico, que traz para a sala de aula um repertório de experiências constitutivas da cotidianidade da sociedade contemporânea. Segundo o autor ainda, a escola deixou de ser uma comunidade de ouvintes, centrada no discurso pastoral dos professores. Concordando com esse pensamento é que se deu voz aos alunos nesse trabalho, para que pudessem expor suas insatisfações e porque não, seus contentamentos com o ambiente escolar.

Seguindo essa linha de raciocínio, na questão de número cinco, os educandos foram inquiridos sobre **o que eles próprios podem fazer para contribuir com a disciplina no ambiente de aprendizagem**. Como aconteceu na questão anterior, houve muitas respostas parecidas. A maioria dos alunos concorda que precisam mudar de atitude para que o ambiente da sala de aula fique mais favorável à aprendizagem. A aluna Samara diz que o aluno “não deve conversar; deve fazer o dever em sala, não bagunçar; não gritar, prestar atenção e contribuir com o respeito.” Enquanto isso a aluna Manuela concorda com vários colegas quando diz que “os alunos em sala de aula devem obedecer às ordens dos professores, não faltar muitas aulas, se esforçar, cooperar com os professores e ser mais interessados com as atividades”.

O aluno Paulo também reproduz a fala de muitos colegas quando diz que “respeitar os colegas e os professores, não ter conversas paralelas, não fazer perguntas ou gracinhas em horas erradas” são atitudes que ajudariam muito a estabilizar o ambiente de sala de aula e a propiciar uma aprendizagem mais efetiva.

O fato interessante é que os alunos reconhecem que precisam tomar atitudes para melhorar o andamento das aulas, mesmo assim continuam cometendo atos indisciplinados. Muitos citaram a questão da falta de interesse como fator importante que contribui para a ocorrência de indisciplina em sala de aula.

### C) A indisciplina em sala de aula sob a visão dos professores

Após o estudo das respostas do questionário aos alunos realizou-se análise baseada no tratamento das respostas ao questionário aplicado à população docente da escola, tendo sido obtidas 10 respostas que representam cerca de 25% dos professores da escola.

Sete (7) questões foram respondidas por professoras contra 3 respostas apresentadas pelos professores o que representa, proporcionalmente, a distribuição do sexo da população docente da escola.

Dentre os 10 professores que responderam ao questionário, 7 respostas referem-se a professores do quadro efetivo e apenas 3 estão sob o regime de contrato temporário.

Quanto ao tempo de docência, 6 professores que responderam têm entre 5 e 20 anos de docência e apenas 2 têm menos de 5 anos de serviço na escola. A escola tem um histórico de professores bem antigos, que atuam na mesma desde a sua inauguração em 1997.

Na questão 2.1 indagam-se **quais os casos mais comuns de indisciplina em sua sala de aula**. Foram emitidas 39 respostas (era possível dar mais do que uma resposta) e *“Alunos inquietos”*, *“alunos que se mostram desinteressados”*, *“alunos que não cooperam com o professor”*, *“alunos com comportamentos violentos”* e *“alunos que interrompem as aulas com atitudes agressivas (verbais e físicas)”* são, por ordem decrescente, os casos mais comuns de indisciplina na própria sala de aula.

Vasconcelos (1997) argumenta que muitos problemas de indisciplina têm origem na questão do desrespeito, e que os alunos não verbalizam claramente esse desrespeito, mas em contrapartida praticam atos indisciplinados. Podemos conferir suas ideias no seguinte trecho:

Eles não conseguem verbalizar isto de uma maneira clara, mas vão manifestar de alguma forma que as coisas não vão bem, como por exemplo: querer sair a todo o momento da sala de aula, ficar conversando fora do assunto, não fazer as lições, agredir os colegas ou o professor, etc. (VASCONCELOS, 1997).

Em seguida foi questionado sobre o **grau de gravidade de oito formas diferentes de indisciplina, na opinião dos professores**. *“Falar em voz baixa”* é um

tipo de indisciplina que 6 professores consideram nada ou pouco grave. Apenas quatro professores consideram grave. “*Trocar mensagens e bilhetinhos*”: 4 professores consideram pouco grave e 3 consideram grave. “*Gozar os colegas*”: 5 consideram grave e 4 pensam ser muito grave. As mais votadas como situações muito graves: *agressão ao professor, agressão aos colegas e não acatar as ordens do professor*.

A questão 2.3 pede **para enumerar de 0 a 5 de acordo com a quantidade de indisciplina existente na escola, sendo que o 0 corresponde a nenhuma indisciplina e o 5 a muita indisciplina**. Então, 4 inquiridos afirmam haver bastante, 3 pensam que há alguma e os outros 2 consideram que há pouca.

Com relação a atividades preventivas da indisciplina foi perguntado na questão 3.1 se **na escola são realizadas atividades que visam combater a indisciplina**. 6 professores consideram que algumas vezes são realizadas, 3 pensam que se realizam muitas vezes e 1 afirma que raras vezes se realizam.

Em relação às medidas preventivas de indisciplina Lima e Santos (2007) diz que não existe uma receita pronta para trabalhar com todas essas diversidades, mas sugere uma proposta de trabalho centrada na ação-reflexão-ação que visa contribuir para a problematização das práticas pedagógicas tendo como recorrência:

\*O conhecimento e a experiência dos professores;

\*O princípio da “construção coletiva”, sem mascarar as diferenças e tensões existentes entre todos aqueles que convivem na instituição, considerando que as situações vividas nela se inscrevem num tempo de longa duração bem como as histórias de vidas de cada professor;

\*Uma metodologia de trabalho que possibilite aos professores e aos coordenadores atuarem como protagonistas, como sujeitos ativos no processo de identificação, análise e reflexão dos problemas existentes na instituição e na elaboração de propostas para sua superação.

Podemos visualizar, mais uma vez a possibilidade de o coordenador pedagógico fazer essa mediação na prevenção da indisciplina em sala de aula.

Nessa proposta metodológica de ação-reflexão-ação Lima e Santos (2007), dizem que podemos identificar 3 etapas: a) Compreensão da realidade da

instituição; b) Análise das raízes dos problemas (compreendendo a realidade escolar); c) Elaboração e proposição de formas de intervenção de ação coletiva.

Quanto ao tipo de atividade preventiva da indisciplina houve 12 respostas (era possível dar mais do que uma resposta). As palestras são consideradas pela maioria (8 professores) as atividades mais usadas pela escola para combater a indisciplina, seguindo-se as campanhas de sensibilização com 2 opiniões e apenas 1 consideram ser a formação/outros.

A questão 4.1 pergunta aos professores **quais as medidas mais adotadas pela escola para combater a indisciplina**. A maioria respondeu que as medidas mais adotadas pela escola são repressão escrita, suspensão e encaminhamento do aluno ao Serviço de Orientação Educacional (SOE)

A questão 4.2 questiona **se as medidas adotadas pela escola para combater a indisciplina na escola são as mais adequadas**. A maioria dos professores (6) está satisfeita com o tratamento dado pela escola à indisciplina. A parcela que está descontente justificou seu descontentamento na questão 4.3. A professora Fernanda relata que “muitas vezes o aluno é retirado da sala e encaminhado à direção, porém esta devolve o aluno à sala de aula perturbando, atrapalhando o desenvolvimento das atividades.” Os demais concordam que há a necessidade de uma participação mais efetiva dos pais e que as medidas adotadas pela direção precisam ser mais severas. Verifica-se essa insatisfação na fala da professora Andreia que reforça dizendo “Acredito que em curto prazo essas medidas funcionam, mas em longo prazo ficaremos com pés e mãos atados. O acompanhamento deve ser também com a família e com o aluno em reuniões periódicas (com palestras e campanhas)”.

Com relação à eficiência das suspensões na questão 4.4, a metade dos professores consideram-na eficiente e a outra metade não concorda com a aplicação da mesma. Esses últimos justificaram suas respostas na questão 4.5. Os professores que são contra a suspensão como forma de punir um ato indisciplinado do aluno são unânimes em dizer que a suspensão é um prêmio para o aluno. Para o aluno indisciplinado, ficar fora da escola é mais vantajoso do que ter que assistir às aulas e se submeter às regras impostas e não aceitas por eles. A professora Mariana deixa clara essa postura quando diz que “isso é exatamente o que o aluno

quer. Acho que ele deve vir à escola, não para assistir aula, mas isolado, fazer todas as atividades passadas pelo professor”.

É necessário refletir juntamente com Vasconcelos (1997), que diz que:

Fica patente que a tarefa de construir uma nova disciplina passa pelo restabelecer o sentido para a escola, para o estudo, bem como pelo restabelecer os limites. Só que aqui, em lugar de falarmos simplesmente de limites, vamos falar de exigências, o que inclui os limites, mas também as possibilidades, com frequência esquecidas; isto é importante para não cairmos numa disciplina meramente restritiva, do “não”, “não” e “não”. (VASCONCELOS, 1997, p.242).

Na última questão os professores fizeram sugestões à direção de atitudes que eles consideram que poderiam amenizar o problema da indisciplina no ambiente escolar.

A grande maioria dos professores concorda que precisa haver um envolvimento maior da escola com esse aluno indisciplinado. O aluno precisa sentir que é parte integrante da escola. Muitos sugeriram atividades práticas como, por exemplo, que esses alunos sejam monitores nas aulas de educação física ou que ajudem na manutenção do jardim. Concordam também no sentido de que a família precisa estar mais presente na vida escolar desse aluno. A professora Joana sugere que sejam criadas atividades para o aluno fazer dentro da escola mesmo quando o mesmo estiver suspenso, atividades que o levem a refletir sobre o ato que ele cometeu.

A professora Carla defende que o aluno indisciplinado não pode ficar ocioso em momento algum, pois é exatamente aí que ele começa a ficar inquieto e comete deslizes com a indisciplina. Ela sugere que “os professores precisam criar atividades que envolvam os alunos de forma constante. As atividades realizadas devem ser cronometradas, para que assim, todos os alunos possam realizar as mesmas atividades. Alunos precisam ser elogiados e sempre motivados a melhorar. O tempo de atenção (attention span) de um indivíduo é de 30 minutos. Após esse tempo, a atividade deve ser modificada. Vamos cronometrar as atividades. Funciona! Acredite”.

O professor Antônio acredita no poder do esporte e das atividades culturais e esportivas para que esse aluno possa voltar a se comportar como o esperado em sala de aula.

Há também uma parcela de professores que acredita que a escola não pode fazer nada para recuperar a disciplina desse aluno e que o melhor seria transferi-lo para outra instituição educacional conforme a fala da professora Maria que diz que sua sugestão é “transferência; muitos alunos estão fora da faixa etária”.

Observou-se que os professores não se incluem como responsáveis pela indisciplina nem tampouco como um ator que possivelmente poderia vir a amenizá-la. Vasconcelos (1997) discorrendo sobre “Síndrome do encaminhamento”, relata que é comum ouvirmos dos professores a queixa de que a disciplina por parte da direção deveria ser mais rígida, mais severa. Isto revela o equívoco da postura de “encaminhamento”: ‘1. A transferência de responsabilidade (o professor não sabe o que fazer em sala, encaminha o aluno esperando uma solução “mágica”). 2. As diferentes visões (ex.: encaminha-se o aluno esperando uma coisa e acontece outra).3. Os problemas de comunicação (ex.: encaminha-se o aluno e não se sabe o que aconteceu com ele). Os conflitos entre alunos e professores devem ser enfrentados, antes de qualquer coisa, por eles próprios. (VASCONCELOS, 1997, pag.249).

Para finalizar as análises dos questionários recorre-se às ideias de Dayrell (2007, p.1125) que diz que a escola tem de se perguntar se ainda é válida uma proposta educativa de massas, homogeneizante, com tempos e espaços rígidos, numa lógica disciplinadora, em que a formação moral predomina sobre a formação ética, em um contexto dinâmico, marcado pela flexibilidade e fluidez, de individualização crescente e de identidades plurais. Parece-nos que os jovens alunos, nas formas em que vivem a experiência escolar, estão dizendo que não querem tanto ser tratados como iguais, mas sim, reconhecidos como jovens, na sua diversidade, um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentação e aprendizagem da autonomia. Demandam dos seus professores uma postura de escuta – que se tornem seus interlocutores diante de suas crises, dúvidas e perplexidades geradas, ao trilharem os labirintos e encruzilhadas que constituem sua trajetória de vida. Enfim, parece-nos que



demandam da escola recursos e instrumentos que os tornem capazes de conduzir a própria vida, em uma sociedade na qual a construção de si é fundamental para dominar seu destino.

## **Considerações Finais**

No início desta investigação, havia um conjunto de possíveis questões sobre indisciplina escolar que instigaram o interesse por este tema. Percebeu-se a existência de uma preocupação por parte dos professores, em relação ao crescente número de expressões de indisciplina, as quais nos parecem cada vez mais criativas e ousadas. Os professores, nem sempre seguros sobre o que fazer, buscam lidar com o que é visível, ou seja, o ato em si, o “comportamento incômodo”, deixando em segundo plano as causas que geraram tais expressões ou os sentidos da indisciplina. Tais aspectos foram explorados nesta pesquisa, tendo em vista contribuir para avanços nos estudos sobre indisciplina escolar, e eventualmente auxiliar os atores do processo de ensino aprendizagem.

A indisciplina seria como um “pano de fundo” de diversas situações, as quais podem estar vinculadas a práticas pedagógicas inapropriadas, dificuldades de aprendizagem, falta de limites, falta de diálogo com o aluno ou ocorrência de problemas familiares, por exemplo.

Os eventos de indisciplina poderiam ser o resultado de dificuldades que as crianças experimentam, ao lidar com os processos normativos impostos pela escola. É importante verificar se as regras da escola são adequadas e coerentes no que diz respeito a conduta e a necessidade dos alunos. Essa inadequação poderia conduzir a insatisfação do educando que, ao não ser ouvido, poderia agir com indisciplina, interrompendo o próprio processo de acolhida promovendo um desconforto a todos os sujeitos da instituição escolar. Este pode ser um dos possíveis sentidos da indisciplina escolar.

A indisciplina poderia ser entendida como expressão ou fenômeno que demonstra uma insatisfação do educando. O alunado poderia demonstrar essa insatisfação por meio de processos de indisciplina, rompendo com as regras impostas pela escola, recusando-se a participar de um ambiente inapropriado para ele. Assim, para que ocorra um trabalho efetivo com indisciplina, por meio de uma educação voltada ao ato de acolher, “a escola e os educadores precisam aprender a adequar suas exigências às possibilidades e necessidades dos alunos” (REGO, 1996, p. 99).

A indisciplina poderia ser vista também como a comunicação de uma necessidade afetiva. Esta pode estar relacionada à família, sociedade ou especificamente com a escola. Tanto a família quanto a sociedade, podem influenciar nos processos estabelecidos pela escola, dentre eles, o de ensino aprendizagem.

Portanto, o aluno poderia, por meio da indisciplina, sinalizar que necessita de “afetividade”, em um destes ambientes com o qual interage. A instituição escolar pode construir um ambiente de troca afetiva, onde todos os envolvidos poderiam ter condições de dar e receber afeto, contribuindo assim, para um bom andamento do processo de ensino aprendizagem.

Durante a pesquisa ficou muito claro o distanciamento entre o professor e o aluno e como consequência, a falta de diálogo. Cabe ao coordenador pedagógico propor discussões na coordenação pedagógica que visem sanar, ou ao menos reduzir esse distanciamento.

Na visão de Kern (2002, p. 44), a afetividade é algo fundamental que propicia ao ser humano estar frente a frente com o outro, proporcionando a construção de relações sociais, pois o homem é um ser afetivo. A ausência dela pode gerar um tipo de necessidade que pode ser comunicada pela indisciplina. Assim, uma leitura sobre a dinâmica de afetividade entre os sujeitos da escola poderia auxiliar na compreensão dos sentidos da indisciplina. E, aqui se percebe também a importância da Educação como ato de acolher, como ponto fundamental para o trabalho efetivo com a indisciplina escolar. Pois o acolher, pode significar usar de afetividade no ouvir, como uma forma de aprofundar a percepção do que o aluno está dizendo e buscar uma compreensão mais ampla do que foi comunicado por ele, no momento da indisciplina.

Finalmente, os estudos sobre indisciplina escolar poderiam avançar, estando mais atentos ao olhar de diferentes sujeitos da escola. Pode-se compreender com esta pesquisa, a necessidade de dedicar maior atenção ao aluno, ao que ele solicita e ao que comunica com o seu “pedido de socorro”, através da indisciplina. A criança pode sinalizar por meio de atos indisciplinados a inadequação de relações interpessoais, de algumas práticas pedagógicas ou do próprio currículo, bem como questões familiares insatisfatórias. Ela também pode estar querendo demonstrar a

necessidade de ser acolhida, tanto pela escola quanto pela sociedade onde está inserida. Esta comunicação ou "pedido de socorro" pode significar a não aprendizagem ou o querer ir além do que está sendo oferecido pela instituição de ensino.

Um dos grandes desafios da educação escolar é tornar a escola um local atrativo, dinâmico, interativo e atualizado. Esse desafio requer da escola através de seus atores sociais, reflexão-ação-reflexão sobre o sentido da aprendizagem e das relações humanas construídas neste ambiente, quais os tempos e espaços destinados a este fim, quem são os atores no processo ensino aprendizagem, e que ações têm sido desenvolvidas pelos coletivos para melhoria da qualidade da educação, dos processos de ensinar aprender e de se relacionar com o outro.

Por isso, destacamos a visão do coordenador pedagógico como peça fundamental do grande “quebra-cabeça” que compõe a estrutura e funcionamento da escola. Este profissional é capaz de ver as partes deste quebra-cabeça com suas particularidades, articulando, estruturando e organizando o todo.

Ao compreender esta questão como “pedido de socorro” o coordenador pedagógico proporcionaria também, subsídios para que outros sujeitos da escola ampliem suas visões, o que poderia avançar o trabalho com a indisciplina escolar. Compreendemos, finalmente, através dos resultados desta pesquisa, que as expressões de indisciplina podem ser resultado das dificuldades da criança em lidar com os processos normativos da escola, bem como uma elaboração inteligente de uma percepção de não funcionalidade da escola ou a comunicação de uma necessidade afetiva.

Os dados obtidos através dos instrumentos de pesquisa aplicados confirmam a importância dos espaços e tempos destinados à coordenação pedagógica para proposição de mudança de postura, estudo, análise, reflexão, discussão e tomada de decisões no que concerne a mediação de conflitos e qualidade do ensino público no Centro de Ensino pesquisado.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. In SILVA, Fernanda Duarte Araújo. **Alternativas para enfrentarmos a indisciplina na escola**. P@rtes (São Paulo). V.OO p. eletrônica Junho de 2009. Disponível em [www.partes.com.br/educação/alternativa.asp](http://www.partes.com.br/educação/alternativa.asp). Acesso em 04/11/2012.

ARENDT, H. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1990. In MENDES, Fabiane Mathias Delattre. **Indisciplina escolar na visão de Coordenadores Pedagógicos**. Curitiba, 2009. Disponível em < <http://www.tede.utp.br/tde-busca/arquivo.phd?codArquivo=306>>. Acessado em 29/04/2013.

BARTMAN, 1998 In LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes dos. **O coordenador Pedagógico na Educação Básica: Desafios e perspectivas**. Revista de Educação. Vol. 2, nº4 jul./dez. 2007 p.77-79.

COSTA, Marisa Vorráber. A pedagogia da cultura e as crianças e jovens das nossa escolas. A pagina da educação. Disponível em :<http://www.apgina.pt/>. Acessado em 10/07/2005 In FÁVERO SOBRINHO, Antônio. **O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação**. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais, Belo Horizonte, 2010.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, 2007. Disponível em < <http://cedes.unicamp.br>>

FÁVERO SOBRINHO, Antônio. **O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação**. Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais, Belo Horizonte, 2010.

FRANCO, Luis A. C. A Disciplina na Escola. In: **Problemas de Educação Escolar**. São Paulo: CENAFOR, 1986.

FRANCO, Francisco Carlos. **A indisciplina na escola e a coordenação pedagógica**. 2004

GREEN, Bill. BIGUM, Chris. *Alienígenas em sala de aula* (Trad. Tomaz Tadeu da Silva). Tomaz Tadeu da Silva (org.) Petrópolis RJ: Vozes, 1995. Pg. 206-43. In In FÁVERO SOBRINHO, Antônio. **O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da**

**educação.** Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais, Belo Horizonte, 2010.

Kamii, Constance. A autonomia como finalidade da educação: implicações da Teoria de Piaget. In: A criança e o número. Campinas, SP: Papirus, 1986. In SILVA, Fernanda Duarte Araújo. **Alternativas para enfrentarmos a indisciplina na escola.** P@rtes (São Paulo). V.OO p. eletrônica Junho de 2009. Disponível em [www.partes.com.br/educação/alternativa.asp](http://www.partes.com.br/educação/alternativa.asp). Acesso em 04/11/2012.

KERN, F. A. Mediações em redes como estratégia metodológica do serviço social, EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002. In MENDES, Fabiane Mathias Delattre. **Indisciplina escolar na visão de Coordenadores Pedagógicos.** Curitiba, 2009. Disponível em < <http://www.tede.utp.br/tde-busca/arquivo.phd?codArquivo=306>>. Acessado em 29/04/2013.

LUNA, S. DAVIS, C. **A Questão da Autoridade na Educação.** Caderno de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1991.

MORESI, E. **Metodologia da pesquisa**, Brasília, 2003. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação. Universidade Católica de Brasília. Disponível em < [http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/metodologiaPesquisa\\_Moresi2003.pdf](http://www.inf.ufes.br/~falbo/files/metodologiaPesquisa_Moresi2003.pdf)> acessado em janeiro/2013.

NORODOWSKI, Mariano. Infância e poder. A conformação da pedagogia moderna. Bragança Paulista, Universidade de São Francisco. 2001. In FÁVERO SOBRINHO, Antônio. **O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação.** Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais, Belo Horizonte, 2010.

PARRAT-DAYAN, Silvia. Como enfrentar a indisciplina na escola. São Paulo: Contexto, 2008. In SILVA, Fernanda Duarte Araújo. **Alternativas para enfrentarmos a indisciplina na escola.** P@rtes (São Paulo). V.OO p. eletrônica Junho de 2009. Disponível em [www.partes.com.br/educação/alternativa.asp](http://www.partes.com.br/educação/alternativa.asp). Acesso em 04/11/2012.

REGO, T.C. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva Vygotskiana. In MENDES, Fabiane Mathias Delattre. **Indisciplina escolar na visão de Coordenadores Pedagógicos.** Curitiba, 2009. Disponível em < <http://www.tede.utp.br/tde-busca/arquivo.phd?codArquivo=306>>. Acessado em 29/04/2013.

TARDIFF, Maurice. Saberes docentes e prática profissional. Petrópolis, Vozes, 2002 In FÁVERO SOBRINHO, Antônio. **O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica**

**dos sujeitos da educação.** Anais do I Seminário Nacional: Currículo em movimento – Perspectivas atuais, Belo Horizonte, 2010.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **(In)Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** São Paulo: Libertad Editora, 2004.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Os desafios da Indisciplina em Sala de Aula e na Escola.** Série Ideia, n.28 São Paulo: FDE, 1997.

## **ANEXOS**

### **ANEXO I**

#### **TERMO DE CIÊNCIA DA INSTITUIÇÃO**

Eu, **Raimundo dos Santos Monção Filho**, matrícula SEEDF n.º 33.119-8, diretor (a) do (Centro de Ensino Fundamental 519 de Samambaia), sito à QR 519 AE 01 Samambaia Sul Brasília/ DF – CEP: 72315-300, declaro ter sido informado pelo (a) pesquisador (a) **Ivanice Tavares de Souza** a respeito dos riscos, benefícios e confidencialidade da pesquisa a ser feita com (Professores, Orientadora educacional, Supervisor pedagógico, Coordenadores Pedagógicos, Diretor e Vice-diretor) desta escola, cujo título é **A coordenação pedagógica como mediadora frente à indisciplina em sala de aula**.

Também estou ciente e autorizo a observação de reuniões pedagógicas, aulas, atividades dos alunos, aplicação de questionários aos alunos e professores, mediante a publicação e divulgação dos resultados, por meio digital e/ou impresso, que omitirão todas as informações que permitam identificar quaisquer dos profissionais deste estabelecimento de ensino.

Brasília, 20 de fevereiro de 2013.

---

Raimundo dos Santos Monção Filho

Diretor



## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE 1 – Roteiro de Observação**

#### **1-Identificação da escola**

\*Nome

\*Endereço/telefone

#### **2-Aspectos físicos**

\*Nº de salas/dependências (biblioteca/sala de vídeo/outros)

\*Nº de professores/alunos por turma/equipe de apoio

\*Espaço externo para apoio ao professor (quadra, pátio, área verde)

#### **3-Relação aluno/professor/família/escola**

\*Qual o tipo de relacionamento entre a família e a escola?

\*Em que situações a família é convocada/convidada a comparecer na escola?

\*Que tipo de atenção ou atendimento é oferecido à família ou responsável pelo quando procuram a coordenação e/ou direção da escola?

#### **4- Geral**

\*Como os alunos se comportam em sala de aula?

\*Há algum problema de relacionamento entre os alunos durante os intervalos?

\* Como é a relação entre professor/alunos? Há uma relação de confiança entre eles?

\*Quando o aluno tem algum problema a quem ele recorre? Por quê?

\*Há interesse pela maioria dos alunos em participar das atividades propostas?

\*Como é o comportamento da turma durante as atividades? Há variação de comportamento dependendo do professor regente?

\*Como é o tratamento do professor com os alunos?

\*Em caso de indisciplina, quais os procedimentos adotados pelo professor?

E pela direção?

## **APÊNDICE 2 - Questionário aos Professores**

Este questionário é um dos instrumentos de coleta de dados, referente ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica – Escola de Gestores – UnB, o qual será aplicado ao corpo docente do Centro de Ensino Fundamental 519 de Samambaia, com objetivo de conhecer e, posteriormente, analisar as informações sobre a indisciplina no contexto escolar.

Para tanto, conto com a sua participação e colaboração em responder as questões que se seguem.

Desde já agradeço!

Atenciosamente,

A Pesquisadora

### **1. Identificação**

#### **1.1 Sexo**

☐ Feminino

☐ Masculino

#### **1.2 Vínculo profissional**

☐ Efetivo

☐ Temporário

#### **1.3 Anos de docência**

☐ Menos de 5 anos

☐ Mais de 20 anos

#### **1.4 Anos de serviço na escola**

☐ Menos de cinco anos

☐ De 5 a 10 anos

☐ De 11 a 20 anos

☐ Mais de 20 anos

### **2. Indisciplina na escola**

#### **2.1 Quais os casos mais comuns de indisciplina na sua sala?**

☐ Alunos inquietos

☐ Alunos que não cooperam com o professor

☐ Alunos quase sempre distraídos

- ( ) Alunos que trocam mensagens e bilhetinhos
- ( ) Alunos com comportamentos violentos
- ( ) Alunos que pedem muitas vezes para ir ao banheiro
- ( ) Alunos que interrompem as aulas com atitudes agressivas(verbais e físicas)
- ( ) Alunos que não gostam de trabalhar em grupo
- ( ) Alunos que se mostram desinteressados
- ( ) Outro:

2.2 Em sua opinião qual é o grau de gravidade dos seguintes tipos de indisciplina?

	Nada grave	Pouco grave	Grave	Muito grave
Falar em voz baixa				
Trocar mensagens e bilhetinhos				
Gozar os colegas				
Gozar o professor				
Não acatar as ordens do professor				
Recusar-se a trabalhar				
Agredir os colegas				
Agredir o professor				

2.3 Na qualidade de professor, pensa que há indisciplina na sua escola?

	1	2	3	4	5
Nenhuma					Muita

### 3.0 Atividades preventivas

3.1 Na sua escola são realizadas atividades que visam combater a indisciplina no contexto escolar?

- ( ) nunca
- ( ) raras vezes
- ( ) algumas vezes
- ( ) muitas vezes

3.2 Que atividades são realizadas na sua escola para combater a indisciplina no contexto escolar?

- ( ) Palestras
- ( ) Campanhas de sensibilização
- ( ) Formação

( ) Outro:

#### **4. Medidas corretivas**

4.1 Quais são as medidas mais adotadas pela sua escola nos processos disciplinares dos alunos?

( ) Repreensão verbal

( ) Repreensão escrita

( ) Suspensão

( ) Contrato/negociação

( ) Acompanhamento dos alunos por um professor conselheiro

( ) Encaminhamento dos alunos para o serviço de orientação educacional

4.2 Considera as medidas adotadas pela sua escola as mais adequadas?

( ) sim

( ) não

4.3 Se respondeu NÃO, justifique.

4.4 Você entende que a suspensão é a melhor maneira de combater a indisciplina na escola?

( ) sim

( ) não

4.5 Se respondeu NÃO, justifique.

4.6 Como professor, que estratégias sugeriria à direção da escola para reduzir o número de casos de indisciplina no contexto escolar?

### **APÊNDICE 3 – Questionário aos Alunos**

Este questionário é um dos instrumentos de coleta de dados, referente ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Coordenação Pedagógica – Escola de Gestores – UnB, o qual será aplicado aos alunos do Centro de Ensino Fundamental de Samambaia, com objetivo de conhecer e, posteriormente, analisar as informações sobre a indisciplina no contexto escolar.

Para tanto, conto com a sua participação e colaboração em responder as questões que se seguem.

Desde já agradeço!

Atenciosamente,

A Pesquisadora

#### **1. Identificação:**

##### **1.1 Gênero**

( ) Feminino

( ) Masculino

##### **1.2 Idade**

( ) 10 a 12 anos

( ) 13 a 15 anos

( ) Mais de 15 anos

#### **2. Atitudes relacionadas à escola**

##### **2.1 Importância da escola em sua vida:**

( ) Muito importante

( ) Importante

( ) Pouco importante

( ) Não é importante

##### **2.2 Quais os tipos de aula que mais te motivam?**

( ) Aula expositiva

- ☐ Aula interativa
- ☐ Realização de trabalho em grupo
- ☐ Recursos e elementos multimídia (vídeo, computadores, etc)
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

2.3 Como você classifica o ambiente da sua sala de aula?

- ☐ Disciplinado
- ☐ Indisciplinado

2.4 Alguma vez você já foi indisciplinado em sala?

- ☐ Sim
- ☐ Não

2.4.1 Se sim, marque quantas vezes:

- ☐ Uma
- ☐ Poucas
- ☐ Muitas

2.4.2 Você se considera um aluno:

- ☐ Disciplinado
- ☐ Indisciplinado

2.5 Indique o grau de gravidade dos seguintes comportamentos:

Marque 1 a 5

1-Não é grave; 2- Pouco grave; 3- Grave; 4- Muito grave; 5- Gravíssimo

- ☐ Manter conversas paralelas com os colegas
- ☐ Trocar mensagens e papeizinhos
- ☐ Não acatar as ordens dos professores
- ☐ Não realizar as tarefas da aula
- ☐ Faltar o respeito com os colegas
- ☐ Faltar o respeito com os professores

- ( ) Agredir fisicamente os colegas
- ( ) Agredir fisicamente os professores
- ( ) Interromper as aulas com questões e atitudes inadequadas
- ( ) Sair da sala sem autorização

### **3. Medidas para melhorar a indisciplina na sala**

3.1 Quais as principais causas de indisciplina em sua sala?

- ( ) Sala pouco vigiada
- ( ) Castigos pouco severos para alunos indisciplinados
- ( ) Problemas familiares
- ( ) Desinteresse pela escola
- ( ) aulas pouco interessantes

3.2 Você considera as medidas disciplinares adotadas pela escola as mais adequadas?

- ( ) Sim
- ( ) Não

3.3 Se respondeu não que outras medidas sugere? ( pode marcar mais de uma opção)

- ( ) Dialogar mais com os alunos
- ( ) Diversificar o tipo de aula
- ( ) Responsabilizar toda a turma por comportamentos individuais
- ( ) Envolver os alunos em projetos
- ( ) Tornar o espaço escolar mais agradável
- ( ) Acompanhamento mais individualizado dos alunos com dificuldades
- ( ) Outro: \_\_\_\_\_

3.4 Qual o ambiente escolar mais lhe agradaria?

- ( ) Descontraído, em que os professores pudessem ser abordados pelos alunos sem grande formalismo

( ) Formal, em que toda e qualquer atividade está devidamente enquadrada num horário bem definido

( ) Misto, em que atividades (propostas não só pela escola como pelos alunos) estão bem definidas no calendário

4. Em sua opinião, o que o professor pode fazer para melhorar a disciplina na sala de aula?

---

---

---

---

5. Em sua opinião, o que os alunos podem fazer para contribuir com a disciplina em sala de aula?

---

---

---

---